



# NOSSAS

## REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS  
VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS  
AUTO/BIOGRÁFICAS  
NA HISTÓRIA E NA  
PRÁTICA ARTÍSTICA



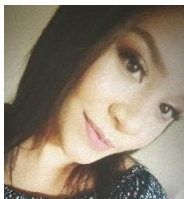
# Perfil do artista

**NICOLA BERTELLOTTI**

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818449>

Envio: 25/03/2021 ♦ Aceite: 02/05/2021

Por **Mayara Monteiro Guimarães**



Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás. Mestranda em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais do Cerrado - TECCER-da Universidade Estadual de Goiás-UEG.

A Fotografia é “uma fonte original” que se manifesta através da arte. Segundo Roland Barthes (1984), a fotografia é “objetos folhados cujas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e por que não: Bem e o Mal, o desejo e o seu objeto”. Elas também apresentam a “essência que eu buscava”. Para tanto, a Fotografia se apresenta como uma importante ferramenta para a compreensão da sociedade, seus interesses e valores: estéticos e sociais.

Figura 01: A Arquitetura do Ferro



Fonte: Nicola Bertellotti. Disponível em:  
<http://www.nicolabertellotti.com/series/restitution/>

As fotografias de Bertellotti evidenciam, principalmente, as particularidades mais sensíveis do espaço, que na maioria das vezes, parece se relacionar diretamente com as interpretações filosóficas de John Ruskin, Simmel e Burke. Uma vez que em suas obras é fácil detectar elementos que nos fazem refletir sobre a limitação do homem diante a permanência das grandes construções que sobrevivem ao tempo e ao abandono. Da beleza que reside entre arquitetura e a natureza que retoma. Onde as construções e objetos passam a ser testemunhas dos ciclos da vida e do tempo.

Ela é o sítio da vida, do qual a vida se separou - isto não é algo simplesmente negativo e nem um pensamento acrescentado, como nas incontáveis coisas que outrora flutuaram na vida, que foram casualmente lançadas à sua margem, mas que, com respeito à sua essência, poderiam ser novamente levadas por sua correnteza, mas sim a vida que com sua riqueza e suas mudanças uma vez habitou aí. Aqui temos um presente imediatamente visível. A ruína cria a forma presente de uma vida passada, não segundo seus conteúdos ou restos, mas segundo seu passado como tal. Isto constitui também a sedução das antiguidades, sobre as quais somente uma lógica limitada poderia

afirmar que uma imitação absolutamente exata se lhes igualaria em valor estético. (SIMMEL, 1998, p. 07)

A ideia de Simmel sobre a ruína nos faz compreender que existem marcas de ambiguidade, pois os espaços representam a transitoriedade da vida e da decomposição que vão além de simples vestígios. São memórias e experiências.

As capturas das paisagens feitas por Bertellotti apresentam a estética (pitoresca e sublime) que estão voltadas para os sentidos mais sensíveis e que são afetados de forma mais intensa com os aspectos mais grandiosos da natureza. O Sublime está diretamente ligado ao ilimitado e que ultrapassa todos os sentidos, que em seu mais alto grau é “capaz de excitar as ideias de dor e de perigo, ou seja, tudo o que for terrível de alguma forma análoga ao horror é fonte do *sublime*” (BURKE.2016). Mas em seu menor grau, gera admiração e respeito. Na concepção de Kant encontrada nas “Observações sobre o sentimento do belo e do sublime”, objeto ou a construção, caso “pertença a um passado, é nobre; antevista num futuro imprevisível, imprevisível, possuirá em si qualquer coisa de terrível” (KANT. 1993). Pois a “eternidade” e a “resistência” “infunde um doce assombro, a da eternidade passada uma inflexível admiração” (KANT. 1993).

Figura 02: Adeus a Villa Bellavista



Fonte: Nicola Bertellotti.

Disponível em: <http://www.nicolabertellotti.com/series/picturesque/addio-a-villa-bellavista/>

No entanto, as fotografias de Nicola Bertellotti representam aspectos estéticos que se revelam principalmente pelas espacialidades majestosas, que apresentam a nossa pequenez diante à natureza e ao tempo. As fotografias do italiano apresentam as visões de um futuro distópico e incerto, que causa terror, mas que ao mesmo tempo fascina.

Nicola Bertellotti nasceu em Pietrasanta, Itália, na década de 1976. Já participou de diversas exposições, incluindo exposições internacionais. Ganhador de diversas premiações na Europa, o fotógrafo apresenta em suas fotografias, lugares para além de ruínas. Ele apresenta a sobrevivência das construções e objetos diante do tempo e do abandono. A resistência que possibilita tornar-se presente um passado longínquo, um verdadeiro causador de sedução dos fragmentos; causadores de “uma lógica” que igualaria em valoração estética. As ruínas são muito além de meras construções. São espaços de memórias e de experiências. Em 2021 expôs suas fotografias “Paradiso Perduto: A beleza da imperfeição” em *Estella Gallery*, Nova Orleans (EUA); Em 2020 ganhou o prêmio “International Competition Festival Del Tempo”; 2016 expôs: *Hic Sunt dracones*, Castel dell’Ovo, em Nápoles; *Aftermath*, na Galeria Isculpture, em San Gimignano, 2017; Em 2014 publicou seu livro “Fenomenologia do Fim”, que reúne muitas séries fotográficas de sua autoria. Atualmente, as obras de Nicola Bertellotti têm aparecido em diversas revistas importantes, como: *Wall Street International*, *Elle Decor*, *Arte Artedossier*, *Daily Mail*, e agora no Brasil, através da Revista NÓS: Cultura, Estética & Linguagens.

Figura 03: O vento de lugar nenhum



Fonte: Nicola Bertellotti.

Disponível em: <http://www.nicolabertellotti.com/series/ostalgie/the-wind-from-nowhere/>